

O negro no telejornalismo: breve estudo sobre a imagem discursiva de Glória Maria, Heraldo Pereira e novos rostos no jornalismo de televisão¹

Cárlida EMERIM²

Edna de Mello SILVA³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo: O presente artigo se propôs a olhar a imagem discursiva de profissionais negros no telejornalismo brasileiro observando os pioneiros Glória Maria (GM) e Heraldo Pereira (HP) e novos profissionais negros com vistas a trazer elementos de reflexão sobre esta imagem/estereótipo assumido, seja por eles ou como estratégia comercial das emissoras nas quais atuam. A premissa é a de que os traços anteriormente aceitos eram de imagens mais próximas do corpo branco e que, na atualidade, há um claro percurso de visibilidade dos traços fenotípicos, adotando uma imagem diferente da tradicional, com cabelos naturais e corpos diversos, representando uma abertura para um movimento de diversidade. A metodologia de análise recorre a Semiótica Discursiva (SD) Escola Francesa de Análise do Discurso (ADF), com foco no nível discursivo. A análise mostrou que a premissa se concretiza e o telejornalismo brasileiro vem demonstrando mais diversidade no padrão estético geral.

Palavras-chave: Telejornalismo; Visibilidade negra; Imagem Discursiva; Diversidade; Análise do Discurso e Semiótica

Introdução

Dados divulgados em 2020, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que 56,1% da população brasileira se declara negros, num grupo que inclui também pretos e pardos⁴. Mesmo com esta maioria, a presença de afrodescendentes em espaços de visibilidade social ainda é muito menor do que a de outras etnias. Borges (2023, on-line) afirma que “[...] O racismo, no Brasil e no mundo,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Telejornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora na graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC- SC, integrante da Rede Telejor, do GIPTele e do NEST, email: carlida.emerim@ufsc.br

³ Jornalista, Mestre e Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Docente do curso de Design Educacional na Unifesp. Docente do PPGCOM-UFT. Líder do Grupo de Pesquisa Code-Unifesp. Vice-coordenadora da Rede Telejor. E-mail: prof.ednamello@gmail.com

⁴ Dados IBGE.

é alimentado pela ausência de imagens. Não vemos pessoas negras nas estruturas de poder real”.

Muito embora ao longo dos últimos 30 anos no Brasil, algumas políticas governamentais tenham criado espaços e oportunidades, ainda estão muito aquém de poder abraçar a dimensão e as necessidades desta população. Somado a este contexto, o enorme preconceito racial, um ato criminoso que está enraizado na sociedade e que prejudica a população afrodescendente em vários âmbitos, pois, é, também sociocultural, subjugando e desqualificando as ações de toda uma população criativa e competente.

Considerando que o racismo estrutural presente na sociedade brasileira é dissimulado pelas dinâmicas das sociabilidades pode-se inferir que a ausência de profissionais negros como apresentadores de telejornais pode representar uma forma de preconceito e discriminação. Neste sentido, os estudos de Silvio Almeida (2019), Joel Zito Araújo (2000) e Muniz Sodré (2006) auxiliam a compreensão da complexidade da questão do racismo e de como este se apresenta na sociedade brasileira. Diante desta situação, faz-se premente olhar para esta representatividade, de um ponto de vista analítico, como forma de contribuir ao apresentar os contextos e buscar soluções que possam trazer mais subsídios para ajudar a erradicar o preconceito racial bem como a baixa participação dos negros nos espaços de relevância e importância na sociedade.

Para Cida Bento (2022), este sistema se mantém e perpetua na sociedade brasileira, principalmente, porque há um processo já enraizado que reitera uma padronização nas escalas de seleção e promoção social, tanto no âmbito profissional quanto no convívio social, ao qual ela dá o nome de branquitude, sendo que, para ela:

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter privilégios. É claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”. (BENTO, 2022, p. 18).

Ciente destas construções, o presente artigo se propôs a olhar a imagem discursiva de profissionais de referência e pioneirismo no telejornalismo brasileiro, Glória Maria (GM) e Heraldo Pereira (HP), com vistas a trazer elementos de reflexão sobre esta imagem/estereótipo assumido, seja por eles ou como estratégia comercial das emissoras nas quais atuam. A premissa é a de que os traços anteriormente aceitos eram de imagens mais próximas do estereótipo branco, o que não invalida e nem diminui a importância e o protagonismo de ambos em prol da visibilidade e representatividade histórica de negros na tevê brasileira.

Em contrapartida, percebe-se a presença de jornalistas negros na reportagem local dos telejornais, (como nos programas Bom Dia São Paulo e Bom Dia Santa Catarina), com diferentes traços fenotípicos, adotando uma imagem diferente da tradicional, com cabelos naturais e corpos diversos, representando uma abertura para um movimento de diversidade. E, tais elementos também serão analisados do ponto de vista de sua imagem discursiva. A metodologia de análise recorre a duas vertentes teóricas, a Semiótica Discursiva (SD) de inspiração pós-estrutural e a Escola Francesa de Análise do Discurso (ADF), com foco no nível discursivo, considerando que tal articulação se fez operacional e eficaz para estudar a imagem discursiva a partir da consideração de elementos do plano de expressão (o que se mostra) e do plano de conteúdo (o que se diz), observando-os em relação não somente entre eles, mas com o contexto de atuação.

Tal escolha permite dar o foco necessário à mídia telejornalística, limpando os instrumentos de análise das questões ideológicas que, de certa forma, conformam determinadas conclusões e limitam a busca pelo conhecimento. Espera-se que o tema possa ser debatido de forma a promover mudanças estruturais nos modelos considerados “tradicionais” do telejornalismo, a fim de que a diversidade da população brasileira possa se sentir representada nas telas e nas notícias.

O que importa ressaltar é que no telejornalismo brasileiro, embora se tenha iniciado a aceitação com um certo apagamento racial dos negros contratados, existe um movimento crescente de fortalecimento a diversidade dos profissionais negros, respeitando a imagem identitária e valorizando-a como imagem discursiva. Sem dúvida, uma possibilidade a ser reforçada e, cada vez mais, ampliada.

A estrutura social do racismo na sociedade brasileira

O Brasil foi um dos maiores países escravagistas do mundo, com um longo período de tráfico de africanos e trabalho forçado que durou cerca de 350 anos. Durante este tempo, milhões de africanos foram trazidos ao país para serem explorados como mão-de-obra nas plantações de cana-de-açúcar, café, serviço doméstico entre outros. O país foi o último do continente americano a abolir a escravidão. A organização social brasileira foi moldada pela exploração dos escravizados que eram tratados como objetos, sem direitos e privados de sua liberdade.

Dados reais, coletados a partir de documentos históricos, evidenciam a brutalidade e os efeitos danosos da escravidão no Brasil. Estima-se que mais de 4 milhões de africanos tenham sido trazidos para o país entre os séculos XVI e XIX. Isso representa cerca de 40% do total de africanos traficados para as Américas. A brutalidade do sistema escravagista era tamanha que, somente no período entre 1808 e 1850, estima-se que mais de um milhão de africanos tenham morrido durante a travessia do Atlântico (Pinsky, 2010).

Além disso, o sistema escravagista provocou uma brutal discriminação racial no Brasil, que ainda se faz presente nos dias de hoje. Os escravizados foram vítimas de uma exploração contínua e sistemática, que se refletia em condições de vida extremamente precárias, violência física, abuso sexual e um profundo desrespeito aos seus direitos mais básicos. Essa exploração se deu em todos os níveis da sociedade, desde os grandes latifundiários até as camadas mais baixas da população.

Essa herança histórica se entrelaçou com a formação da ideologia do branqueamento, que buscava "embranquecer" a população brasileira através de políticas de imigração europeia e miscigenação. Essa ideologia, porém, não eliminou as marcas do racismo e da discriminação. Pelo contrário, o racismo persiste até os dias de hoje de forma estrutural, oculto nas instituições e na cultura brasileira. Skidmore (1976) e Bernardino (2003), apud Nandi (2005), a seu tempo, ponderam que, no Brasil, tanto a abolição da escravatura (1888) quanto a Proclamação da República (1889) contribuíram para forjar o que definem como “mito da democracia racial” fortalecido pela adoção da noção de igualdade entre brancos e negros e, ainda, pela quase insignificante (em

relação ao baixo número de situações) ascensão (profissional e social) de multados à alguns patamares de visibilidade num período. Tal contexto reforça premissas de que na sociedade brasileira há um movimento de valorização da mestiçagem como uma estratégia de branqueamento da população negra sendo que não raramente o mulato ou mestiço tem tendência a trazer traços descaracterizados da ancestralidade afrodescendente, como bem diz Milena Nandi:

Na opinião de Schwarcz (1998), o racismo persiste enquanto fenômeno social do país, justificado ou não por fundamentos biológicos. Para a autora, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população gerou uma forma de preconceito racial peculiar: um racismo que incide sobre a cor da pele da pessoa, que admite discriminação apenas na esfera pública, impõe desigualdade social, mas assimila a cultura negra. Além da assimilação cultural, Skidmore (1976) refere-se à expectativa racial assimilacionista, que faz o brasileiro querer que o negro desapareça através do branqueamento progressivo. (NANDI, 2005, p. 08).

Sem generalizações radicais, esta concepção corrobora com a perspectiva de que o racismo é estrutural na sociedade brasileira e se prolifera mais ainda quando se considera o fenótipo e/ou estereótipo dito “aceitável” dos indivíduos negros presentes na moda, na mídia e, também, na sociedade. Quase sempre são aqueles cujos traços físicos se assemelham mais ao padrão da raça branca em geral. Tanto é que Sueli Carneiro (2023) refere-se ao corpo burguês como sendo aquele “que se torne paradigma da humanidade e ideal de Ser para as outras classes”, (p. 30), um corpo que se configura, segundo ela, com um novo *conjunto de significações culturais* (p. 30). Em relação ao padrão estético, Carneiro ainda afirma que:

O dispositivo de racialidade, ao demarcar a humanidade como sinônimo de brancura, irá redefinir as demais dimensões humanas e hierarquizá-las de acordo com a proximidade ou o distanciamento desse padrão. Desse modo torna-se ideal e Ser para os Outros, e a mulher branca, uma mística para os não brancos. Essa forma de afirmação da burguesia instituiu para todos o padrão estético desejável, a forma de amor e de sexualidade, a moral correspondente, sendo o corpo a expressão da autoafirmação, afinal, “o corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa os seus sentidos e valores.

Socialmente, o corpo é um signo”. (CARNEIRO, 2023, p. 31-32).

O corpo humano é um objeto de comunicação. O rosto de uma pessoa pode revelar inúmeras coisas sobre a sua vida, seus gostos, sua saúde, ele sintetiza a essência da comunicação do corpo humano. Se corpo é comunicação, estética do corpo é, sem sombra de dúvida, um elemento crucial neste processo de produção de conhecimento que o homem tem sobre as coisas do mundo e sobre o próprio semelhante. Neste trabalho, é preciso entender o que se entende por estereótipo e, de certa forma, por estética padrão que configura traços que vão permitir a análise mais adiante. A questão estética do corpo sempre seguiu alguns padrões que eram impostos pela visualidade. No início, o olhar das pessoas, dos outros, era o que determinava o que devia ser seguido. Mais tarde, com o registro visual, era o que se mostrava aos olhos e mentes humanas que seguia as imposições no campo social. Pode-se dizer, então, que sempre houve, na história da humanidade, determinadas regras e padrões que impunham ao corpo formas de aceitação social. Um processo de exigência ao seguimento de padrões que é cada vez mais forte na atualidade, frente aos processos de midiatização dos hábitos e costumes humanos. Neste trabalho, considerando o que enfatiza Carneiro de que o “corpo burguês do branco” torna-se então um padrão a ser seguido, se definirá por estereótipo a noção próxima de estética que é define como **a teoria geral da sensibilidade**, fundada num entrecruzamento de conceitos oriundos da filosofia e da psicologia, lembrando a palavra grega *aisthesis* que significa **estesia**, ou seja, **sensibilidade** ou **percepção sensível**. O trabalho adota, assim, o termo **Perfil Estético Geral**, para se referir ao modo como os jornalistas negros se apresentam nos seus telejornais característicos, considerando, também, que a análise os observa a partir das regras e adequações necessárias aos padrões estéticos da própria mídia tevê e do telejornalismo.

Procedimentos metodológicos

Faz-se necessário, também, definir os termos discurso e imagem discursiva. Assim, por discurso pode-se afirmar que é o espaço, o lugar onde se produz o sentido (Emerim, 2012). Por imagem, entende-se, tal como se a descreve no Dicionário de Semiótica, uma unidade de manifestação auto-suficiente como um todo de significação

capaz de ser submetido à análise⁵. A partir destas considerações, pode-se definir por **imagem discursiva** *todas aquelas que, como mensagens visuais complexas, apresentam-se no discurso midiático* cuja exibição permite a demarcação e a análise dos efeitos de sentidos produzidos, a partir da consideração analítica de que todos os objetos empíricos escolhidos sejam tratados e considerados como textos. Além das categorias usuais de análise, especificamente para este trabalho, também foram criadas algumas mais operacionais para responder diretamente ao estudo, sendo a de 1. Perfil Estético, incluindo a) Cor da pele, b) Cor do cabelo; 2. Traços característicos, sendo a) Boca, b) Olhos, c) Nariz, d) Formato do rosto; 3. Tom de voz; 4. Composição visual com a) Tipos de roupa, b) Estilo de cabelo, c) Maquiagem e; 5. Gestualidade. Para efeitos de análise, o *corpus* da pesquisa tem dois momentos: 1) que faz uma referência mais ampla ao analisar Gloria Maria e Heraldo Pereira e, 2) coleta no período de duas semanas, de 03 a 07 de julho e de 10 a 14 de julho, nos telejornais locais Bom Dia SP e Bom Dia SC, ambos noticiários do modelo “Bom Dia Praça”, que vão ao ar diariamente, de segunda a sexta, das 6h às 8h30 da manhã, para ver os novos profissionais.

Assim, a primeira análise, recorre aos pioneiros da presença do negro no telejornalismo, pelo menos aqueles profissionais que deram mais visibilidade a imagem do afrodescendente ao longo dos anos junto a principal emissora de televisão brasileira na produção de telejornalismo de referência, a Rede Globo de Televisão, que são os jornalistas Glória Maria e Heraldo Pereira.

Tabela 1- Análise de Gloria Maria e Heraldo Pereira no Jornal Nacional e Fantástico (período 2005)

| Nome | Função | Perfil Estético | Traços Característicos | Tom de Voz | Composição Visual | Gestualidade |
|------|--------|-----------------|------------------------|------------|-------------------|--------------|
| | | | | | | |

⁵ In: Greimas e Courtés, Joseph, Algirdas Julien. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 326.

| | | | | | | |
|---------------------|---|--|--|------------------------|---|--|
| <p>Gloria Maria</p> | <p>Repórter especial e Apresentadora do programa Fantástico</p> | <p>Pele Negra, Cabelo: Pretos e crespos num primeiro momento, e depois alisados.</p> | <p>Boca em tamanho pequena, lábios finos, Olhos em tamanho normal, cor preta e sobrancelhas delineadas, finas, Nariz alongado, com a ponta delineada embora não seja fino; o formato do rosto é longo, fino com destaque para as maçãs do rosto.</p> | <p>Levemente grave</p> | <p>Estatura mediana, corpo magro, bem delineado, usa roupas de grifes, com estilo europeu e decotadas que mostram a região do ombro e colo, o cabelo é escovado (liso), geralmente repartido no lado, a maquiagem é suave, natural, que apenas valoriza os traços de seu biótipo.</p> | <p>Comedida, educada. O traço mais forte de sua gestualidade é com as mãos que ela movimentada de maneira pontual e adequada a sua fala.</p> |
|---------------------|---|--|--|------------------------|---|--|

| | | | | | | |
|------------------------|---|--|--|---------------------------|---|--|
| <p>Heraldo Pereira</p> | <p>Repórter de política e Apresentador do Jornal Nacional e do regional de Brasília</p> | <p>Pele Negra, cabelos Pretos e crespos.</p> | <p>Boca em tamanho normal, com lábios carnudos; os olhos em tamanho normal, de cor preta, com sombrancelhas esparsas e grossas, nariz em tamanho médio, com formação mais arredondada na ponta, levemente achatado; e o formato do rosto é redondo, com traços largos.</p> | <p>Tom grave e firme.</p> | <p>Estrutura mediana, com ombros largos, sem ser corpulento; as roupas são ternos mais clássicos, em tons neutros, que não realça sua cor no vídeo que tem uma tonalidade sempre mais clara (no rosto); o cabelo é crespo mas com um corte bem curto, quase rente ao couro cabeludo, mostrando o traço de branqueamento do visual e adequação visual ao que é exigido para a tevê; maquiagem mais aparente, deixando o rosto mais claro com o uso de base, pó, corretivo, até mesmo lápis de olhos e brilho labial.</p> | <p>Educada, restrita, pouca articulação das mãos e quase sem expressão facial.</p> |
|------------------------|---|--|--|---------------------------|---|--|

Fonte: Elaboração própria

O que se pode depreender desta análise é a de que os traços identitários mais próximos da afrodescendência não aparecem nos dois jornalistas, a não ser a cor da pele que, com a maquiagem mais clara, os deixam mais próximo do visual do mulato/mestiço⁶[6] seguindo um padrão mais próximo do corpo burguês branco. Os cabelos alisados de Glória Maria e de corte baixinho e com gel de Heraldo Pereira demonstram outra aproximação do visual ao modelo da figura padrão do branco, eliminando os traços crespos e de volume, original do perfil estético geral dos traços do corpo do branco, o que caracteriza o branqueamento da figura e, podendo compreender como uma adequação não apenas as regras da tevê mas, também, ao padrão “aceito” pela sociedade brasileira em geral. Assim, a adequação aos traços mais característicos do corpo burguês branco como magreza, gestualidade comedida e cabelos alisados que não evidenciam sua natureza mais crespa e volumosa, ajudam a construir esta perspectiva da branquitude e do padrão aceitável por uma sociedade racista que deseja e aceita, de fato, negros que se assemelham aos traços do branco europeu.

De modo geral, se estes primeiros profissionais assumiram visuais mais próximos ao padrão do que se pode definir como branquitude ou de um branqueamento de suas origens afrodescendentes, seu pioneirismo abriu espaço para novas performances de jornalistas negros na atualidade. Como se vê a seguir, em relação à presença de novos jornalistas negros no período estudado foram encontrados os seguintes profissionais:

Tabela 1- Presença de jornalistas negros no Telejornal “Bom Dia SP”

| Nome | Função | Perfil Estético | Traços Característicos | Tom de Voz | Composição Visual | Gestualidade |
|---------------|------------------|-----------------------------|--------------------------------------|--------------|------------------------------------|--------------|
| Clara Velasco | Apresentadora G1 | Pele clara, cabelo castanho | Olhos castanhos, lábios finos, rosto | Timbre médio | Vestuário: cores fortes e neutras; | Moderada |

⁶ O presente trabalho precisou definir de que forma traria as características e definições étnicas dos personagens, portanto, utilizou três concepções de critérios: 1) o senso comum; 2) as definições de cor utilizadas pelo IBGE, 3) referência da indústria de cosméticos e, 4) dicionário de língua portuguesa, todas articuladas para definir negro, mulato, mestiço.

| | | | | | | |
|--------------------|------------------------|-----------------------------|---|--------------|-----------------------------------|----------|
| | | | alongado, nariz pequeno | | | |
| Eliezer dos Santos | Repórter (helicóptero) | Pele clara, cabelo castanho | Olhos castanhos, lábios e nariz largos, rosto redondo | Timbre grave | Vestuário: cor clara, tom neutro. | Moderada |
| Willian Rafael | Repórter | Pele escura, calvo | Olhos escuros, lábios e nariz largos, rosto redondo | Timbre grave | Vestuário: cor escura, tom neutro | Pouca |

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 2- Presença de jornalistas negros no Telejornal “Bom Dia SC”

| Nome | Função | Perfil Estético | Traços Característicos | Tom de Voz | Composição Visual | Gestualidade |
|--------------------|-----------------|--|--|--------------|------------------------------------|--------------|
| Cristiano Gomes | Repórter | Pele escura, calvo | Olhos castanhos, lábios e nariz largos, rosto alongado | Timbre médio | Vestuário: cores escura e neutra | Pouca |
| John Pacheco | Apresentador G1 | Pele clara, cabelo castanho | Olhos castanhos, lábios e nariz largos, rosto redondo | Timbre grave | Vestuário: cor escura, tom neutro. | Moderada |
| Carolina Fernandes | Repórter | Pele escura, cabelos cacheados castanhos | Olhos escuros, lábios e nariz largos, rosto redondo | Timbre médio | Vestuário: cor e tom coloridos | Pouca |

| | | | | | | |
|-------------------|----------|---------------------------|---|--------------|-------------------------------|-------|
| Morgana Fernandes | Repórter | Pele clara, cabelos lisos | Olhos escuros, lábios e nariz finos, rosto alongado | Timbre médio | Vestuário: cor e tons neutros | Pouca |
|-------------------|----------|---------------------------|---|--------------|-------------------------------|-------|

Fonte: Elaboração própria

Nas tabelas acima (1 e 2), podemos observar que há uma maior presença de jornalistas negros nas equipes. No entanto, é importante ressaltar que, de certa forma, as marcas fenotípicas que revelam a cor de pele mais clara e os traços mais embranquecidos são mais frequentes do que os traços raciais predominantes da afrodescendência negra. Isso pode ser evidenciado na descrição dos profissionais. Por exemplo, Clara Velasco, uma das apresentadoras do "Bom Dia SP", é descrita como tendo pele clara, cabelo castanho, olhos castanhos, lábios finos e rosto alongado. As características físicas dessa apresentadora, como a pele clara e os traços mais finos, podem ser consideradas mais próximas dos padrões valorizados pela sociedade. Características fenotípicas próximas a de Eliezer dos Santos, que também apresenta cor de pele mais clara e traços miscigenados. Já o repórter Willian Rafael, por sua vez, tem pele escura apresentando traços raciais identificados como pertencentes aos negros. Em relação aos profissionais encontrados em Santa Catarina, podemos observar uma diversidade ainda maior. Os repórteres Cristiano Gomes e Carolina Fernandes possuem pele mais escura e características físicas mais próximas dos negros. No entanto, John Pacheco, apresentador G1, e Morgana Fernandes, têm a pele clara, sendo que Morgana possui cabelos lisos, ou seja, traços raciais mais embranquecidos.

Para as mulheres negras, profissionais de TV e do telejornalismo, talvez a maior marca de identidade seja o uso de cabelos naturais. Durante muitos anos, essas profissionais foram aconselhadas a alisar seus cabelos ou usá-los presos como se essa recomendação fosse a indicada para a estética da televisão. No entanto, com a pressão social para uma maior representatividade, hoje encontramos mulheres negras usando seus cabelos naturais, cacheados ou no modelo "black" nos telejornais. Da mesma forma, o uso de cores de vestuário com cores mais fortes ou estampas também são marcas de emancipação e da criação de novos modelos de figurino (Cruz; Lopes, 2019).

De acordo com os dados do relatório sobre Desigualdades por Cor ou Raça no

Brasil, em 2021, as taxas de desemprego foram de 11,3% para os brancos, de 16,5% para os pretos e de 16,2% para os pardos (Cabral, 2022). Esses resultados corroboram os achados da pesquisa sobre a presença do jornalista negro nos telejornais locais da Rede Globo de Televisão em São Paulo e em Santa Catarina. A presença de jornalistas negros nas equipes é um avanço em termos de representatividade, porém, observa-se uma tendência de privilegiar jornalistas com características físicas mais próximas dos padrões valorizados socialmente, o que pode refletir as desigualdades presentes na sociedade brasileira.

Em síntese, a presença do jornalista negro nos telejornais locais de São Paulo e Santa Catarina da Rede Globo de Televisão revela tanto avanços em termos de representatividade, quanto desafios ainda a serem enfrentados. É preciso registrar aqui que nos dois telejornais estudados, os apresentadores, em dupla (homem e mulher) são brancos. A diversidade presente nessas equipes é um passo importante para garantir a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos, independentemente de sua cor ou raça. No entanto, é necessário continuar a promover a diversidade e combater as desigualdades existentes, buscando garantir a participação igualitária e justa de jornalistas negros em todas as posições e cargos.

Considerações finais

A proposta pretendeu examinar a imagem discursiva dois jornalistas negros, na tentativa de observar os efeitos de sentido produzidos não só pelas regras impostas pela linguagem e gramática televisivas como também pela sua própria participação e presença nestes programas. Como conclusões a análise permitiu mostrar que, primeiramente, o discurso midiático televisivo é construtor também de práticas sociais e que muitas destas práticas aparecem refletidas na tela da tevê. Para Emerim (2000), é a audiência dos produtos televisivos que reforça a tese de Thompson (2002) que *a sociedade se vê na mídia e a mídia busca na sociedade os elementos essenciais na formação dos seus produtos*. Em sequência, sobre a imagem discursiva dos dois profissionais, elas estão muito próximas de padrões estéticos trazidos pelo próprio telejornalismo, mas, também, aquele mais próximo dos traços e estruturação que é conformada pelo universo da população branca. Os cabelos de ambos são alisados e

curtos, no caso de GM quase sempre curtos em estilo mais próximo ao ombro e, no de HP, com gel para deixar mais baixo e sem fios soltos. Os traços físicos de GM mostram lábios e sobrancelhas mais finas, maquilagem discreta e gestualidade comedida, o que se aproxima com o padrão imposto aos profissionais do telejornalismo, padrão este inspirado nos traços e trejeitos de brancos americanos. O que não difere de HP, cujas expressões são extremamente planejadas e comedidas, um pouco diferente de GM que traz um pouco mais de naturalidade na gestualidade e nas expressões faciais. Os novos jornalistas negros diferem dessa representação, embora ainda não tenham destaque na programação em rede, estão presentes nas coberturas locais, firmando seu pertencimento e sua ancestralidade em sua imagem e corpo. Relacionando as aparições, as falas, o contexto, o histórico do programa e a participação destes profissionais em todos estes contextos, a análise mostrou que a permanência deles nas telas deve-se, claro, a sua competência profissional, mas também, ao fato de que sua imagem discursiva está muito próxima da imagem discursiva do padrão estético exigido aos profissionais brancos, no caso de Glória Maria e Heraldo Pereira. No entanto, este modelo começa a ser desafiado pela presença de novos atores no cenário. Como já se referiu, o objeto de estudo escolhido são dois telejornalistas negros que atuam na mídia televisiva e que são, de certa forma, marcos referenciais da atuação dos negros nesta mídia e os novos jornalistas que diferem deste padrão. Por isso, ao estudar **o como**, ou seja, **de que forma** lhes é configurada uma imagem discursiva parece essencial a uma maior compreensão do papel exercido por estes profissionais no funcionamento do telejornalismo, tão importante hoje em dia que supera até mesmo a influência das instituições ditas oficiais, tais como a sociedade, a igreja, a escola e a família. Por esse motivo, a presença de novos jornalistas negros, marcando a diversidade dos corpos e dos saberes no jornalismo televisivo instaura um novo momento. Aponta-se o registro desse movimento que parece ter se iniciado nos últimos anos, principalmente na reportagem local, embora seja ainda pouco proporcional à presença do negro na população brasileira. Rostos negros, com diferentes traços fenotípicos, cabelos crespos e corpos diversos têm se apresentado em pautas locais, na cobertura do cotidiano das grandes cidades e mesmo na previsão do tempo. Se por um lado Glória Maria e Heraldo Pereira foram percussores da presença do negro no telejornalismo, outros atores dão continuidade a essa representatividade talvez com mais abertura para vivenciar sua

própria identidade. O estudo reforça a importância da presença do negro no jornalismo de televisão, destacando que historicamente o modelo tradicional de apresentadores indicava uma tendência de embranquecimento dos profissionais e registra a abertura para outros perfis de profissionais na reportagem local, com o registro de cabelos crespos, corpos diversos e características fenotípicas diversas, restando saber se estes profissionais poderão alcançar o mesmo espaço dos anteriores. Nos novos rostos, a presença de traços mais identitários como cabelos crespos, soltos, corpos diversificados como a população negra brasileira, sem artifícios estéticos para tentar embranquecê-los - são elementos importantes e que mostram que, mesmo com as regras mais rígidas do telejornalismo, é possível manter a identidade étnica racial. Se a maior parte da população brasileira se declara negra ou parda, deveria ser natural que a representatividade de profissionais brancos e negros fosse equitativa, porém isso não ocorre no telejornalismo brasileiro.

Ao colocar jornalistas negros como figuras de autoridade e representatividade no telejornalismo, é possível desconstruir padrões racistas e promover uma nova narrativa que valoriza e respeita a diversidade racial. Essa representatividade também proporciona modelos para jovens negros que desejam seguir carreira no jornalismo e em outras áreas. Em conclusão, a presença do jornalista negro no telejornalismo é de extrema importância para a representatividade e o combate ao racismo institucional. Essa presença amplia a visibilidade e dá voz às comunidades negras, desconstrói estereótipos e preconceitos arraigados, e promove uma nova narrativa que valoriza a diversidade racial, a fim de transformar efetivamente a estrutura e a dinâmica da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2022.
- BERNARDINO, J. Dados políticas de cor 2003. Disponível em: <http://politicadacor.net>. Acessados em 2004.
- BORGES, Rosane. *Precisamos imaginar pessoas negras em espaços emancipados*. (entrevista) Disponível em: <https://porvir.org/precisamos-imaginar-pessoas-negras-em-espacos-emancipados/>, Acesso em 07 Jun de 2023.

CABRAL, U. Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento. Agência IBGE, 2022. Disponível em:<

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade** - a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2023.

CRUZ, Marcia M; LOPES, E. Jornalistas negros: como a experiência da negritude pauta a atuação nas redações em Minas Gerais. In: CORRÊA, L.G.(org.). **Vozes negras em comunicação: mídias, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

DEAMICI, Indira da Luz. **As cores da inclusão: uma análise sobre os jornalistas negros na Rede Globo de Televisão**. (TCC - Monografia). Universidade da Região de Campanha (URCAMP/Bagé/RS). Curso de Comunicação Social - Jornalismo. 2004.

EMERIM, Cárilda. Análise da narrativa televisiva: do programa ao texto. (245-268). In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio. **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2012.

_____. **Muvuca: ensaios sobre o texto televisivo**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1979.

NANDI, Milena Spilere. **Afrodescendentes nos telejornais**. (Monografia). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/SC). Especialização em Estudos de Jornalismo. 2005.

PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**. Editora Contexto, 2010.

SILVA, Edna de Mello. *As cores da mulher negra no jornalismo*. In: BORGES, Rosane; CARRANCA, Flavio. **O espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo, IMESP, 2004.

SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1998.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco** - raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1976.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Rio de Janeiro (RJ): Vozes, 2002.